

RIF Ensaio Fotográfico

Salve Jorge! Devoção popular em vermelho e branco...
Em reza e samba

Diego Dionísio¹



1 Graduado em Comunicação Social. Técnico de inventário do Patrimônio Imaterial na América Latina pela CRESPIAL/UNESCO, Assessor de Imprensa do Festival da Cultura Paulista Tradicional Revelando São Paulo, Membro da Comissão Paulista de Folclore e da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). E-mail: dionisioai@gmail.com.



É da antiga Capadócia, atualmente República da Turquia, que vem este santo, que foi capitão do exercito romano, conde e posteriormente soldado cristianizado. Ao reafirmar sua fé em Cristo, foi degolado no dia 23 de abril de 303.

Dia 20 de Abril de 2012, o festejo do Santo Guerreiro já está em preparo, e não na Turquia. O cenário depois de 1800 anos é o Rio de Janeiro, em clima de vermelho e branco, cores devocionais de São Jorge aqui no Brasil.

Pelas ruas, crianças, homens e mulheres vestem camisas com as mais diferenciadas imagens do Santo. Nas rádios e rodas de samba uma variedade de composições que fala desta devoção popular.

O centro do Rio de Janeiro vira um grande centro popular de peregrinação confluindo devotos de vários estados brasileiros para pagar suas promessas e festejar o Santo Guerreiro.

No dia que antecede a grande festejo, os 'vendedores da fé' começam a delimitar seus espaços no entorno da Igreja. São vários os quarteirões que comercializam os 'objetos da fé'. São velas, flores, quadros, correntes, camisas, lenços e ramos da planta popularmente conhecida por 'espada de São Jorge'. Segundo os vendedores e devotos, estas são as armas e roupas de Jorge, que traz proteção e afasta dos inimigos.



Se fora do templo o movimento é de peregrinos chegando e ambulantes gritando, dentro da Igreja de São Gonçalo Garcia e São Jorge (no centro do Rio de Janeiro), em silêncio, muitas orações são feitas pelos devotos que enfrentaram até três horas na fila para chegar perto da imagem que neste dia foi preparada pelos guardiões para receber flores vermelhas e brancas dos fiéis.



Na segunda-feira (dia 23), dia do Santo Guerreiro, às cinco da manhã, um grande movimento de pessoas se concentra para formar a fila de visitação à imagem dentro da Igreja. Cerca de 300 mil devotos esperam por horas para agradecer graças alcançadas e milagres. Além das velas e flores, de longe as cores, vermelha e branca, tomam conta deste cenário com a maioria dos devotos vestindo estas cores, como um grande exército de São Jorge.





Ao lado da sacristia, no velário, milhares de velas durante todo o dia são acesas. A procura é tanta que outros dois pontos de velas são preparados para os devotos. A maioria usa as de cor branca e vermelha, e outras também incluem as de cor azul, que na religião afro-brasileira representa o 'caminho'. O suporte fica dentro e fora da Igreja e juntos as velas, incensos, outras imagens e ervas também são depositadas. Quem determina como usar e para que, é o povo.

À medida que as velas vão derretendo, os próprios devotos se encarregam de fazer a manutenção.



Segundo os organizadores da festa, mais de 400 quilos de velas são queimadas só neste dia.

Há poucos metros da Igreja, uma segunda fila é formada pelos devotos do Santo Guerreiro que, depois de suas obrigações religiosas, passam pelos pais de santos. São Jorge ganha a configuração de Ogum pelo sincretismo da religião afro-brasileira.

Na calçada, um altar é preparado com várias ervas, água, pipoca e arroz, que são servidos como instrumento de benção para o passe de Ogum, que será dado por três pais de santos para homens, mulheres e crianças que aguardam na fila.





Neste dia, fica evidente o respeito pela diversidade religiosa onde fé e devoção transitam pelo sagrado com os caminhos ambíguos. Como todo festejo popular, além do sagrado, o profano também ganha espaço. Na mesma rua onde se acende a vela, toma o passe, e devotos aguardam na fila. Barracas de culinária são montadas com uma variação gastronômica que vai de lanche a comida para orixás. A cerveja é a bebida mais consumida. Depois de cumprir suas obrigações religiosas, os devotos se concentram no fim da rua da Igreja. O ato devocional agora é o samba. Além das velas e flores, músicos começam a chegar com surdos, pandeiros, cavaquinho e tamborins, instrumentos que até o fim do dia serão acompanhados por muitas vozes no reencontrar dos novos e velhos amigos, que neste dia cantam 'pra Jorge'.



Aos poucos as rodas de samba vão se formando por músicos de diferentes gerações. Os cantos, o batuque e as palmas são para o Santo Guerreiro. Homens e mulheres de várias gerações e de várias agremiações carnavalescas fazem neste dia um único bloco. A bandeira cortejada é vermelha e branca, assim como nas festas do Divino, mais neste dia, estas cores são para o Santo Guerreiro, 'São Jorge'.





O clima é de festa e devoção. Segundo os mais antigos as rodas de samba são para agradecer ao Santo Guerreiro que protege seus devotos durante todo o ano, e também é uma maneira de lembrar velhos amigos e fiéis que morreram e são imortalizados no tocar do tambor, nas letras e canções e nas histórias de que a fé pelo santo já realizou bençãos de muitos fiéis.

O dia vai escurecendo e as homenagens continuam, sendo no samba, acendendo vela, cortejando ou rezando. A última missa é celebrada com louvor. Pelas ruas dos entornos, a cada hora, novas configurações de rodas de sambas e cantores vão se formando. Quase no final da rua, uma bem tímida ainda também chama atenção. São jovens 'novos compositores' que também dedicam suas canções a devoção a São Jorge.

Depois de quase 14 horas o festejo vai acabando. São poucos os sons dos tambores. As velas continuam acesas. A multidão de devotos reflui. São soldados da fé vestidos de vermelho e branco que levam na mão levando as mais variadas flores que durante alguns dias vão marcar mais um ano de devoção a São Jorge. **RIF**

